

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 396

12 de agosto de 2017

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo
autor.

Hoje eu queria colocar aqui algumas advertências metodológicas que complementam o que estou escrevendo sobre o que chamaremos de “as duas tragédias da utopia”: duas utopias que resultaram em um produto exatamente inverso ao esperado. A primeira delas foi a do marxismo e a segunda é essa que estou chamando provisoriamente de revolução diversitária, essa ideologia da diversidade. Essas advertências talvez não caibam no escrito que ainda está sendo preparado, então decidi dá-las aqui na aula. Talvez sejam incorporadas no escrito se houver tempo, mas acredito que não haverá.

Quando digo que são advertências metodológicas, é necessário lembrar que um método se constitui de uma série de sentenças de validade *a priori*, isto é, independentes da experiência, e que vão justamente enquadrar a própria possibilidade de inteligência do objeto a ser estudado. Ou seja, elas delimitam as possibilidades lógicas da investigação e, evidentemente, a sua validade tem de ser apriorística, ela não pode ser determinada pela própria experiência cuja lógica ela está preparando. Não tem sentido. Na verdade, não existe nenhuma possibilidade de validar um método pela experiência porque a experiência depende do método. E o método, por sua vez, se não depende da experiência científica a ser conduzida de acordo com os cânones que ele mesmo estabeleceu, depende de um conhecimento prévio desse objeto em uma esfera que poderíamos dizer pré-científica (ou seja, a percepção comum e normal da humanidade), da qual não se pode extrair por dedução nem por indução, mas que sugere alguns princípios metodológicos que em seguida vão orientar a experiência. Alguns dos princípios desse tipo de investigação coloquei na apostila “Questões de método nas ciências sociais”, ou “Questões de métodos nas ciências humanas”, mas evidentemente é sempre preciso acrescentar alguns outros.

Um deles eu mesmo resumi no *Facebook* hoje, dizendo que nenhum fator que esteja onipresente em todos os fenômenos possíveis e imagináveis pode ser causa de nenhum deles. Este princípio me parece suficientemente óbvio para não precisar ser justificado. E também, de maneira inversa e complementar, nenhuma ação humana pode ser explicada por fatores que estejam necessariamente presentes em todas elas. Quando fazemos a lista desses fatores, vemos que não acaba mais. Toda a obra de Michel Foucault, por exemplo, destina-se a mostrar que todas as relações humanas não passam no fim das contas de relações de poder, relações de dominação. As relações de poder e dominação estão de fato presentes em todas as relações humanas: estão presentes no sexo, na linguagem, nas ondas eletromagnéticas – especialmente nas ondas acústicas pelas quais passa a linguagem -- nos fatores genéticos e assim por diante. Ou seja, há uma lista de fenômenos onipresentes. Se você pegar qualquer um e procurar indícios da presença deles em muitos fatos, você sempre encontrará inúmeros indícios e, pela mera acumulação de exemplos, você tomará a sua tese por demonstrada. Por exemplo, a onipresença dos conflitos de ordem sexual assinalada por Sigmund Freud, é claro que eles

estão presentes, mas também estão presentes inumeráveis outros fatores. E pelo fato dessa onipresença e da variedade de fenômenos nos quais esses fatores estão presentes, nós podemos de cara determinar isto: fatores onipresentes nunca são causas de nada em particular. Na verdade não são causas de coisa nenhuma, são apenas componentes.

Também há outro princípio. A acumulação de fatos em favor de uma tese ou de uma interpretação geral nunca prova nada por si mesma, por mais volumoso que seja o rol dos fatos abrangidos, pelo motivo que o preceito anterior já deixou claro. Esses fatos e esses indícios sempre aparecerão, e sempre em número esmagador. Só que se você pegar um outro fator e começar a assinalar a presença dele, também a lista será ilimitada e esmagadora. Portanto, o acúmulo de fatos nunca prova nada, a não ser como um princípio de comparação com explicações alternativas, com o seu respectivo rol de fatos comprobatórios. Isso quer dizer que o acúmulo de provas por si nunca significa nada, a não ser que você compare com provas em contrário. A ciência não consiste na acumulação de fatos e provas, mas na comparação de hipóteses. Isso já é um princípio estabelecido por Aristóteles e continua perfeitamente válido no método científico de Claude Bernard, no de Karl Popper ou de qualquer outro teórico da metodologia científica que você procure. O que chamo os *patamares* é uma conquista definitiva. Este é o motivo pelo qual Aristóteles, tendo sido inventor da lógica-analítica, jamais a emprega nos seus tratados, mas emprega sempre a dialética porque ela é a confrontação de hipóteses contrárias. É da confrontação de hipóteses que podem surgir ou novas hipóteses explicativas mais poderosas e mais abrangentes ou até uma conclusão cabal capaz de matar o problema. Sem a confrontação de hipóteses não existe absolutamente nada.

Ora, se você procurar todas as grandes teorias que fizeram a cabeça do mundo moderno — a teoria de Kant, a de Karl Marx, a de Charles Darwin, a de Sigmund Freud, a de Jung, a de Michel Foucault —, todas elas, sem exceção, você não encontrará *nenhuma* confrontação de hipóteses, o que é o mesmo que dizer que tudo isso tem validade científica zero. As teorias mais importantes e de maior prestígio que fizeram a cabeça do mundo ocidental não têm estofo científico a rigor nenhum. Apenas a acumulação de fatos exerce uma função persuasiva, uma função de tipo retórica, ou seja, você aponta um fato, e mais outro, e mais outro, e mais outro, então pelo próprio efeito de esgotamento da cabeça do ouvinte, ele sai evidentemente persuadido daquilo, até que alguém levante alguma outra hipótese e mostre tantos fatos em favor dela quanto o anterior mostrou em favor da outra tese. É por isso que considero que alguns debates que tanto apaixonam os nossos contemporâneos jamais chegarão a conclusão alguma, como por exemplo o confronto entre o evolucionismo e o design inteligente.

Há indícios em favor de um e em favor de outro em número ilimitado, você pode citar fato após fato. Portanto não é da confrontação de fatos que você chegará a uma conclusão, é preciso algo a mais, e esse algo a mais evidentemente está faltando na discussão. Porém, essa discussão já sai viciada porque evolucionismo e design inteligente não são contraditórios, como prova o fato de que quem inventou a teoria do design inteligente foi o próprio Charles Darwin. Nos parágrafos finais do livro *A origem das espécies*, ele enuncia claramente a idéia de um design inteligente, isto é, Deus planejou o processo evolucionário, etc. e etc. Se Deus está conduzindo o processo evolucionário, tendo em vista a sobrevivência do mais apto, então já tem aí o design inteligente. Quando aparece a confrontação evolucionismo ou design inteligente, você vê que já há algo errado na base da discussão, e ela não poderá evidentemente ter solução porque atira uma teoria contra si mesma [0:10] e não contra um verdadeiro antagonismo.

O antagonismo ao evolucionismo seria não o design inteligente, mas a teoria das espécies fixas, o que é uma coisa completamente diferente. Você não precisa aderir ao design

inteligente para acreditar em espécies fixas, ou seja, as espécies são formas definitivas, não são intercambiáveis — uma espécie não se transforma na outra —, todas as mudanças evolutivas que elas possam sofrer estão dentro do molde da sua espécie. Isso é outra teoria, não tem nada a ver com design inteligente. Você pode perguntar: se as espécies são fixas, foi Deus que as fez assim ou foi a própria natureza, ou foi o Big Bang que determinou? Tanto faz. Portanto, a teoria das espécies fixas, que é o verdadeiro antagonico do evolucionismo, nada tem a ver com design inteligente; e o design inteligente não é um antagonico do evolucionismo. Para você ver como discussões contemporâneas entre pessoas supostamente inteligentes podem ser às vezes de uma burrice quase impensável.

Esta burrice às vezes é originária: os próprios criadores das teorias já tinham um coeficiente de burrice anormal. Sei que parece escandaloso dizer isso, mas já vi sinais de burrice muito sérios em René Descartes, em Kant. Quando falo burrice, não é que eles não sabiam algo que eu sei — pois nasci depois e recebi uma série de contribuições que eles não receberam, então isso não prova nada —, mas trata-se de o indivíduo não estar entendendo a sua própria teoria e, portanto, estar dizendo uma outra coisa que não é bem aquela que pensa que está dizendo. Isto acontece com muita frequência. Quando observei, por exemplo, que René Descartes, o criador da teoria moderna da consciência subjetiva, não sabe a diferença entre a sua consciência subjetiva real, biográfica, pessoal, e o conceito genérico de *eu*, logo vi que ele está confundindo uma coisa com o conceito. Isso é grave. Para um filósofo, é imperdoável, sobretudo para um filósofo que teve, como ele teve na juventude, um certo treinamento escolástico.

Além desse tipo de defeito estrutural que vem já na origem, existem outros fatores que fazem a burrice se propagar socialmente. O primeiro é que toda teoria muito complexa não age historicamente pela totalidade do pensamento ali embutido, mas apenas por um esquema que se torna de domínio público. Esse esquema evidentemente é reduutivo, às vezes é até caricatural e, nessas condições, o que acaba exercendo influência histórica mais profunda não é a filosofia ou a teoria enquanto tal, mas justamente os seus defeitos. Porque na medida em que uma teoria sai do papel para transformar-se em uma realidade histórica, e faz isso através da sua versão simplificada, é inevitável que os seus defeitos, que estavam inicialmente embutidos sob camadas de elegância lógica, literária ou científica, acabem aparecendo no terreno dos fatos. E também é quase inevitável que os observadores, favoráveis ou contrários a essa teoria, não vinculem esses efeitos à teoria originária mas os expliquem por fatores supervenientes — um desvio, um acidente etc. Porém, se as pessoas aprenderem realmente a fazer análise em profundidade de uma filosofia — não no sentido que faz a escola analítica, ou no sentido de ser apenas a busca da coerência lógica, ou no sentido que faz o desconstrucionismo, que é a idéia de desmontar uma teoria para transformá-la em pó —, uma análise séria vinculando o conteúdo teórico da idéia aos meios de ação com que ela conta para se transformar em realidade histórica, então descobrirão que praticamente os efeitos históricos de quaisquer teorias já podem ser antecipados na própria formulação da teoria, principalmente pelos defeitos lógicos que ela contenha.

Na aula passada, tentei responder a seguinte pergunta: como é que o regime soviético, inspirado inicialmente na idéia de uma revolução proletária anunciada por Marx, terminou se transformando em uma ditadura da nomenclatura, ou seja, da *intelligentsia* do partido, e a ditadura do proletariado em vez de ser exercida por ele, foi exercida sobre ele e contra ele? Como isto foi possível? Se você vasculhar as obras de Karl Marx, verá que desde o início ele foi ambíguo a respeito da função dos intelectuais. Ele sabia que se os intelectuais assumissem a liderança do processo, isso de certo modo estaria desnaturando o movimento proletário. Quem tem de guiar os proletários são os próprios proletários, mas ao mesmo tempo Marx

dizia que os proletários não têm ainda consciência histórica e precisam ser guiados pelos intelectuais. Como fica isso então? Por outro lado, se você diz que só o proletariado, por ser a última classe explorada, pode ter uma visão realista e objetiva do processo histórico, enquanto as outras classes têm uma visão distorcida pelo seu interesse de classe, como você explica que quem enuncie em primeiro lugar a consciência proletária seja não um proletário, mas um intelectual de origem burguesa? Há uma série de problemas que precisavam ser esclarecidos, mas Karl Marx nem mexeu neles, o que mostra que há menos uma hipocrisia premeditada do que um escotoma, isto é, uma mancha no olho, uma paralaxe cognitiva. Ou seja, o indivíduo está fazendo uma construção teórica que diverge daquilo que ele está vendo na realidade: o eixo de uma coisa não confere com o eixo da outra, embora elas possam coincidir em partes secundárias.

Ora, essa ambigüidade sobre a função dos intelectuais já prenunciava exatamente o que aconteceu na Rússia, na China, em Cuba, na Hungria etc. Ou seja, você terá não uma ditadura do proletariado, mas uma ditadura da *intelligentsia* em cima do proletariado, e a *intelligentsia* acumulará tanto poder, que depois não terá como devolvê-lo aos proletários, mesmo que quisesse, porque a consciência do proletariado é criada pela *intelligentsia* depois da revolução, como o próprio Lenin observou. Isso quer dizer que toda a história e toda a ação do proletariado sob o socialismo é conduzida sob a batuta da *intelligentsia*; o proletariado é adestrado cada vez mais a seguir as instruções dela, então ele não tem nenhuma experiência de decidir as coisas por si mesmo e terá cada vez menos. Mesmo que a *intelligentsia* diga que fez a revolução para os proletários e que deve devolver o poder a eles, não há mais como fazer isto.

Isso significa que a ditadura da *intelligentsia* ou se destrói a si mesma ou permanece para sempre. Destruir-se a si mesmo foi o que aconteceu na União Soviética e permanecer para sempre é o que está acontecendo na China, não há outra saída. Ou seja, a famosa destruição do Estado de que fala Marx — primeiro há a ditadura do proletariado, depois há a destruição do Estado e o advento da liberdade universal — é impossível, ela não pode acontecer. Não só é impossível materialmente mas na sua própria concepção: para que o estado se destruísse, seria preciso que ele recuasse em vez de ocupar toda a sociedade. Porém, Karl Marx diz que o Estado estará tão identificado com a sociedade que ele desaparecerá. Não, o Estado não desaparece por estar onipresente, o que desaparece é o conceito dele como entidade separada, mas não o Estado enquanto realidade. Karl Marx, que tanto acusa o pensamento burguês de ser abstratista e metafísico — o metafísico no marxismo é um termo pejorativo que em vez de tratar de realidades trata de conceitos e pensa que os conceitos são realidades —, ele mesmo cai nesse erro, no fim das contas, grotesco de imaginar que a desapareição do conceito de Estado corresponde à desapareição material do Estado. É um erro de criança não é perdoável em um filósofo de profissão, um filósofo não pode fazer isso – o que mostra que [0:20] pelo menos neste ponto Karl Marx era burro, simplesmente um incapaz. Não é um filósofo que se pode ser colocado à altura de um Platão e Aristóteles, não há como fazer isso. Também não quer dizer que ele fosse uma besta quadrada integral, pois muita coisa ele acertou.

Mas, curiosamente, o que resultou na realidade do marxismo? Resultou a ditadura da intelectualidade, a ditadura do partido, a ditadura da vanguarda. Ditadura indestrutível, na verdade. Ela só pode ser destruída se junto derrubar o regime todo, como aconteceu na União Soviética. Mesmo assim os membros da *intelligentsia* continuarão no poder: cai o regime mas as mesmas pessoas continuam no topo, como aconteceu na própria Rússia. Quando passei na Polônia, em 2011, isso estava acontecendo, (agora parece que não está mais tanto assim) e

todo mundo se queixava de que quem estava no poder se não eram os comunistas, eram os seus netos. Isto quer dizer que, de tudo que o marxismo anunciou para o futuro, a única coisa que se realizou realmente foi aquela previsão que ele não fez, que escondeu: a da ditadura dos intelectuais. isso foi o que expliquei na aula passada.

Se queremos agora fazer uma análise idêntica com relação à revolução diversitária – maio de 68 e seus prolongamentos que aliás estão presentes até hoje –, a coisa se complica de uma maneira fantástica porque há variações e transformações quase alucinantes na história do marxismo (já mencionei aqui que a teoria marxista mudou um bocado: ela começa dizendo que a ideologia nasce da posição de classe e termina dizendo que o partido cria, pela propaganda, a classe que ele vai representar – o que é mais ou menos como se a teoria da evolução terminasse dizendo que as espécies são fixas), e todas essas transformações, por mais alucinantes e variadas que sejam, remetem a um mesmo corpo de textos inicial. O movimento comunista moderno sem dúvida começa com os textos de Marx e Engels, e todos os autores marxistas se reportam a esses textos. Mesmo quando eles dizem o contrário, alegando que estão dizendo a mesma coisa, ainda estão se reportando aos mesmos textos. Portanto, seria um *corpus* doutrinal inicial, como há, no Cristianismo e no Judaísmo, a Bíblia, a Torá e o Novo Testamento, ou como no Islã, o Corão. Ou seja, há um texto sacro inicial ao qual tudo se reporta. Pode haver diferenças de interpretação absolutamente radicais, cento e oitenta graus separados, mas ainda assim estão se remetendo ao mesmo *corpus*. No caso da revolução diversitária, esse *corpus* não existe. Não há um texto que resuma a teoria da diversidade e da revolução diversitária. E, ao contrário, as fontes que acabaram desaguando em 1968 e em todo o movimento político mundial que se seguiu são *tão variadas* que ninguém esperaria vê-las contribuindo para a mesma finalidade. E, no entanto, a revolução diversitária é inconcebível sem qualquer delas. Se você tirar uma, o negócio não funciona mais.

A primeira sugestão da revolução diversitária veio de Georg Lukács. Na verdade, a primeira veio de Lênin quando disse que quem faria a revolução não seria o proletariado, mas eles mesmos em nome do proletariado que, na Rússia, nem existia propriamente dito, somente em germe. Partindo dessa observação do próprio Lênin e do fato escandaloso da traição proletária na Primeira Grande Guerra (os proletários em vez de aliarem-se à revolução internacionalista, aliaram-se aos seus governos burgueses na guerra imperialista, e os comunistas ficaram assustados quando isso aconteceu), Lukács disse, no começo do século XX,¹ que o que se opunha à revolução proletária não era somente o poder político, econômico e militar da burguesia, mas o controle ideológico que ela exercia sobre o proletariado. Na guerra de 1914, os proletários agiram, do ponto de vista comunista, contra os seus próprios interesses materiais: eles tinham o interesse de fazer a revolução e tomar o poder, mas em vez disso foram morrer nas trincheiras para favorecer o imperialismo burguês. Por que eles fizeram isso? Não podia ser evidentemente por um fator material, então foi um fator ideológico, cultural, psicológico que estava impedindo. Em seguida, ele nota que a ideologia de cada classe dominante ao longo do tempo herda muito da ideologia da classe dominante anterior e a trabalha segundo os seus próprios interesses. Então, se notarmos bem, todo o legado da civilização está presente na última ideologia dominante: a ideologia burguesa, por exemplo, absorve contribuições que vêm desde o império Romano, passando pela Idade Média cristã, Renascimento, Revolução Francesa. Tudo isso, segundo Lukács, está sustentando ideologicamente o poder burguês. Ele conclui então que não poderiam destruir a burguesia

¹“Aliás, quando estou escrevendo esse trabalho, eu advirto em uma nota de rodapé que todas as citações são de memória porque todos os meus livros estão em um depósito. Garanto que em substância são verdadeiras, mas não garanto a literalidade delas. Aqui também está valendo a mesma coisa.”

diretamente, mas teriam de destruir primeiro todo o legado da civilização, senão não funcionará. Esta foi a primeira idéia que surgiu.

Se você pensa que os itens seguintes da teoria diversitária foram todos criados por comunistas ou gente da esquerda, você está redondamente enganado, porque eles vêm da direita e até da extrema-direita. Por exemplo, o doutor Sigmund Freud era um reacionário de marca e tinha um desprezo sem fim pelo socialismo. No entanto, a teoria dele é que toda a civilização, a cultura, a religião, as instituições etc., tudo isso, no fundo, nasce de um conflito instintual primitivo. Para resumir brutalmente, eu diria que é um conflito entre o desejo e o medo. Há o *id*, que é o fundo animal do homem, com toda a sua agitação de desejos, e há o medo da punição, da autoridade, de algum fator externo que se opõe à realização desse desejo que seria o tal do *superego*. E o coitado do *ego*, segundo o doutor Freud, não tem uma existência independente, mas nasce desse entrechoque. Quer dizer, o *ego*, segundo Freud, não é senão um subproduto do choque entre o desejo e o medo, entre o *id* e o *superego*. O que significa isso? De onde vêm todas as criações da arte, da literatura, da religião, da moral, da política, do direito? Tudo do *ego*. Ou seja, no fim das contas, tudo é uma camuflagem em cima de um conflito instintual, conflito do desejo e do medo, do *id* e do *superego*. Se você está interessado em derrubar todos os valores da civilização, isso é um instrumento maravilhoso para tanto. E o doutor Freud então entrega isso de mão beijada às pessoas que ele mais desprezava, os socialistas. Demora um tempo para eles perceberem o potencial destrutivo da teoria psicanalítica, potencial do qual o próprio doutor Freud não estava inconsciente porque, quando ele desembarcou nos EUA, disse a um amigo: “Essa gente não sabe que viemos lhes trazer a peste”. Ele sabia que aquilo era uma peste, só não sabia quem iria tirar proveito dela. Quando você lê, por exemplo, a obra do Herbert Marcuse, que muito tempo depois será uma síntese de marxismo e psicanálise, você entende que este potencial pestífero da psicanálise só podia ser aproveitado por quem estivesse realmente [0:30] muito interessado em destruir a civilização. Mas em seguida você descobre outras contribuições vindas de fontes ainda mais inesperadas. Por exemplo, se havia um sujeito que desprezava o socialismo e todos os movimentos igualitários era Friedrich Nietzsche. Ao contrário, ele achava que tudo isso era uma herança mórbida do cristianismo. Ele disse que o cristianismo incentivava a fraqueza, a submissão etc. e, com isso, ele adoecia a espécie humana, impedindo que os indivíduos mais fortes e vigorosos impusessem a sua autoridade. É claro que se você estudar o discurso socialista, você verá que ele incorpora um bocado de retórica cristã no seu meio, e isso desde o século XIX. Tolstói, por exemplo, ele é o típico do socialista “cristão”, é um antepassado da Teologia da Libertação. Então esse elemento cristão, ou pseudocristão, sempre esteve presente na retórica socialista.

Nietzsche então via toda a civilização (pelo menos civilização do Ocidente, porque ele não conhecia muito as do Oriente) como uma série de camuflagens construídas em cima daquilo que ele chamava *vontade de poder*, ou seja, o desejo de dominação, de dominar o próximo. Ele não via nada de errado na vontade de poder, o errado estava na camuflagem, em negar a vontade de poder ao mesmo tempo em que a exerce. Daí ele cria a apologia do *super-homem*. O que é o super-homem? É o sujeito que não reconhece nenhum valor ou autoridade acima de si mesmo e, portanto, cria e impõe os seus próprios valores do jeito que bem entende. Quem primeiro tirou proveito disso foram os nazistas. Não sei como, por quais elucubrações esquisitíssimas Adolf Hitler conseguiu fazer do povo alemão a encarnação do super-homem, quando o próprio Nietzsche tinha um profundo desprezo pelos alemães e os considerava o exemplar do que ele chamava, no oposto do super-homem, o *último homem*, que é o sujeito que chegou à indignidade total.

Existe até um filme esplêndido do Friedrich Murnau chamado “O último homem” (*Der letzte Mann*). O personagem principal é o porteiro de um hotel que usa um uniforme todo bonito. Um dia, como ele está muito velho e não agüenta mais carregar as malas dos hóspedes, ele é transferido para a limpeza, e daí a vida dele sem uniforme está totalmente destruída. Embora o serviço dele tivesse ficado mais leve, a perda do uniforme correspondeu à perda da identidade. Exatamente como no romance de Luigi Pirandello, *O falecido Mattia Pascal*, em que o sujeito, quando perde a sua identidade civil, passa a ser um nada: ele descobre que a identidade civil dele é mais real do que ele mesmo.

Para Nietzsche, isto é o último homem: o cara que não é absolutamente nada e que é totalmente determinado por um fator aleatório externo. Este é oposto do super-homem, e ele via os alemães como protótipo do último homem, não do super-homem. Hitler adorava Nietzsche, sabia de cor trechos inteiros de Nietzsche (e de Schopenhauer também) e, não sei como, conseguiu trabalhar a coisa de modo a fazer dos alemães o super-homem. Mas acontece que esta idéia de criar livremente os seus valores — e, portanto, fazer o que o próprio Nietzsche chamava a subversão, ou derrubada de todos os valores, e se tornar o líder criador dos seus próprios valores — está profundamente embutida na revolução diversitária, no maio de 68. O famoso “é proibido proibir” é um eco de Nietzsche: a nossa vontade está acima de quaisquer injunções civilizatórias, religiosas, etc. e etc. Nietzsche foi uma das fontes disso .

Pior que Nietzsche foi Heidegger, que era um militante nazista com carteirinha e tudo. A idéia de que isso foi apenas um oportunismo de que ele se serviu para conservar a sua profissão, hoje está totalmente provado que não é nada disso, porque publicaram os diários de Heidegger da época, e ele era realmente um entusiasta do regime nazista durante muito tempo. Ele fez para o movimento diversitário uma contribuição ainda mais profunda e melhor do que a de Freud e a de Nietzsche. Não dá para resumir aqui a filosofia de Heidegger, mas vou chamar atenção para um ponto. Ele observa que, até o advento dele neste mundo, todas as éticas ou morais, todo o princípio do *dever ser* era derivado logicamente de algum princípio do *ser*: primeiro há uma teoria da realidade, e depois há uma teoria do agir. Ele mostra que isso é uniforme: é assim em Platão, em Aristóteles, em Epicuro, em toda a filosofia medieval, em Kant, no utilitarismo moderno. *Sempre* há uma teoria geral da realidade, muito divergentes entre si, é claro, da qual se deduz então o princípio do agir, ou seja, do dever ser. Isto quer dizer que a ética depende de uma ontologia. O que aconteceria com a ética, se derrubarmos a ontologia? Heidegger derruba a ontologia por um processo que ele chama *desconstrução*. O termo se torna tão disseminado e tão adorado na Revolução de 68 e até hoje que, só pela popularidade do termo, você pode julgar a importância que a contribuição do Heidegger deu para essa gente.

Ele acusa todas as ontologias tradicionais de duas coisas. Ele diz, primeiro, que todas elas se esqueceram do ser e só trataram dos entes, (das coisas e seres que existem), e acabaram descrevendo o ser, ou seja, a existência de modo geral (ou poder existenciante, se você quiser) como se fosse um ser entre outros — o que obviamente não é. Ele diz que essas supostas metafísicas não são metafísicas de jeito nenhum, são apenas ontologias especiais que pretendem passar por uma ontologia geral. Essa é a primeira crítica. A segunda crítica surge diretamente da desconstrução. Desconstrução, em alemão, pode ser *Dekonstruktion* ou *Zurückbauen*. *Zurückbauen* quer dizer literalmente construir às avessas. Construir às avessas significa dismantelar uma coisa para ver o que ela tem por dentro e qual a relação e travamento entre as suas várias partes. No entanto, uma vez feito isso, a coisa está destruída, não sobrou nada, e você a compreende justamente na medida em que ela não existe mais. Heidegger diz que todas as ontologias existentes são invalidadas pelo fato de que todas se baseiam em significados mutáveis, deslizantes e incertos, de modo que, no fim das contas,

cada uma delas só está se referindo a si mesma. De certo modo cada uma delas é um texto fechado, só se refere a si mesmo e não tem poder de apreensão sobre a realidade externa, a realidade do ser.

No fim da vida, ele pára de usar o termo *ser* e começa a usar *presença*. O que é o ser? É uma presença diante da qual estamos jogados, sem saber porque nem para quê. O homem está jogado diante de uma presença, que é a presença do ser universal, ele não sabe o que é o ser universal e não sabe o que ele está fazendo aí. Tanto é assim que ele chama o homem de *Dasein*. *Dasein* quer dizer simplesmente *estar-aí*. Só sabemos que estamos aí, não sabemos o que é essa coisa na qual estamos nem o que estamos fazendo aí. Então é preciso começar uma nova etapa na qual a ontologia tradicional já não vale nada. Ele diz que essa ontologia desempenhou um papel histórico ao longo do tempo, mas chegou ao seu limite, agora temos outra coisa. No entanto, se a ontologia cai, o agir continua necessário: temos de fazer alguma coisa. Só que agora o agir não tem fundamento ontológico, ele torna-se *causa sui*: é uma espécie de decisão arbitrária que cria o estado de coisas, sem poder nem precisar justificá-lo ontologicamente. Essa idéia converge com a de Carl Schmitt, outro aficionado nazista. Ele definia a política como aquele setor da realidade onde os conflitos não podem ser racionalmente arbitrados e onde tudo será resolvido por uma decisão imposta pela força. Ambos chegam ao princípio do *Führer*. O *Führer* é aquele que toma a decisão e manda todo mundo calar boca, e aquilo é a nova situação de fato. Não é preciso dizer o quanto a idéia da desconstrução fascinou os pensadores de 68 e até hoje fascina todos os teóricos do movimento revolucionário.

Mas você pensa que as fontes acabaram aí? Já vimos que as fontes vêm desde o movimento comunista, com Georg Lukács, até o nazismo. Tudo isso está presente por igual no espírito de 68. Nunca houve muita dúvida a respeito da filiação nazista de Carl Schmitt, era explícito, e ele mesmo se arrependeu muito depois, e disse que aquilo foi um pecado. Mas Heidegger não disse absolutamente nada e continuou nazista até morrer, sem dar satisfação para ninguém. Quando se descobriu a filiação nazista do Heidegger, vieram as provas definitivas não só com o livro do Victor Farías,² excelente historiador chinelo, mas com muitos outros livros que posteriores e com a publicação dos diários de Heidegger,³ muitos intelectuais de esquerda o defenderam de todas as maneiras, não negando que ele fosse nazista, mas até justificando o nazismo dele de algum modo. O próprio Derrida, que era judeu de origem, e, nos EUA, Paul de Man, que era um dos principais teóricos da esquerda, defenderam Heidegger até debaixo d'água. E quando essas defesas não funcionaram, quando a prova do nazismo de Heidegger veio para ficar, ainda assim não pararam de admirá-lo, de lê-lo e de aproveitar as lições dele, sobretudo sobre a desconstrução. Quando você observa, por exemplo, os elementos francamente irracionais existentes na ideologia de 68 e na ideologia diversitária, aí está a origem dela. Nenhuma ação pode ser justificada por uma ontologia. O conhecimento da estrutura da realidade não tem nada a ver com a ação, a ação é que cria a realidade e o ser continua sendo apenas essa presença indefinida na qual estamos jogados, na qual simplesmente *estamos-aí*.

Mas se você pensa que as contribuições que chegaram para o maio de 68 e para toda a ideologia diversitária acabaram aí, você está redondamente enganado porque vem coisa pior. Estou dizendo isto porque quero que pelo menos os meus alunos estejam conscientes disso. O movimento diversitário não é um movimento político, não é um partido político, não é a esquerda. Ele é tudo. Ele é todo o estado presente do mundo falante. Ele é muito superior a uma ideologia: é uma concepção civilizacional integral. Ninguém a inventou, ela resultou da

²Farías, Victor. *Heidegger y el nazismo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988, 1ª edição, 368p.

³Trawny, Peter. *Schwarze Hefte* (1889-1976).

confluência de muitas idéias de fonte heterogênea que foram se acumulando até explodir numa mutação fabulosa.

Podemos dizer que a mutação interna do movimento comunista foi o pino em torno do qual tudo isso se articulou. Mas foi apenas o pino, não foi o comunismo que inventou tudo isso. O próprio Georg Lukács, que poderia ser dito o pai dessa coisa toda, desce o cassete na filosofia de Heidegger em um dos seus livros finais, *A destruição da razão*, dizendo que ela é a culminação do irracionalismo capitalista em oposição à racionalidade do comunismo. — Portanto ele não tinha nada a ver com Heidegger. E, no entanto, a filosofia de Heidegger foi incorporada em um movimento que ele mesmo tinha desejado criado. Veja como são as coisas! Isso não pode acontecer em um movimento ideológico ou em um movimento político, é louco demais. Um movimento político que aceitasse tantas incongruências dentro de si se dissolveria, ao passo que vemos a revolução ampliar-se continuamente e conquistar cada vez mais terreno.

Acontece que a contribuição seguinte veio de fontes que ninguém jamais poderia imaginar. Em primeiro lugar, veio de Carl Jung. Ele foi o sujeito que descobriu o *I Ching*, mandou traduzi-lo e começou a disseminar no Ocidente a idéia de uma sabedoria oriental, especialmente chinesa, que transcendia toda a consciência ocidental, e que, através da idéia do inconsciente coletivo, descobria então sabedorias espirituais embutidas em tudo quanto é tribo indígena, tribo africana, etc. e etc. Ora, se você quer destruir a civilização do Ocidente, *o que* pode ter de melhor do que jogar contra ela toda esta imensa riqueza sapiencial do Oriente e das tribos indígenas, etc. e etc.? Mais profundamente ainda do que Carl Jung, contribuiu para isso René Guénon e toda a escola tradicionalista. No livro *Oriente e Ocidente* está claro que o verdadeiro detentor do conhecimento é o Oriente, o Ocidente é apenas o reino do materialismo, da falsa ciência, etc. e etc. No entanto, a influência de René Guénon é mais discreta e ao mesmo tempo mais profunda do que a do Jung. Jung cria discípulos em todos os países, sistemas de psicoterapia que são usadas até hoje, etc. e etc., mas a influência da escola tradicionalista vai direto na elite, vai pegar gente como Aga Khan (que era o homem mais rico do Oriente), Príncipe Charles, banqueiros, gente de governo, o ex-primeiro-ministro da Suécia, o pessoal que rodeava o Reza Pahlavi e assim por diante (eu estive lá e vi quanta gente importante havia). Nessa esfera nem Jung nem Freud jamais penetraram. E, sobretudo, Guénon traça o plano da ocupação islâmica do Ocidente. Ora, então estava tudo preparado para um assalto geral da civilização do Ocidente vindo de todos os lados.

Partindo do trabalho de Heidegger, os filósofos franceses como Derrida, Lacan e etc. desenvolveram o desconstrucionismo até o ponto de negar que qualquer texto significasse qualquer coisa. Um texto se compõe apenas de palavras que se reportam a outras palavras, que se reportam a outras, e a outras, e a outras, e tudo é um mundo fechado em torno de palavras. Depois de chegar a este ponto, é claro que não há como justificar mais nada do que você está fazendo, porque, de tanto mentir, você agora tem de negar que exista a própria verdade em qualquer domínio. Não há mais a verdade, há somente relações de dominação. Claro que está subentendido que essa afirmação por sua vez é verdadeira, mas isto não importa, isto não vem ao caso porque discutir se a afirmação é verdadeira ou não destrói evidentemente o novo poder de dominação que está lhe sendo imposto no mesmo momento. Quer dizer, se você é dominado por outro, não adianta dizer que o outro está mentindo: ele pode estar mentindo, mas ele já manda em você.

Também contribui imensamente para isso toda a historiografia do século XX que se baseou em um modelo do holocausto judeu para explicar praticamente toda a história do Ocidente. O que eles fizeram? Primeiro, um barulho imenso em torno do holocausto, como se tivesse sido a

primeira destruição em massa, o que não foi. Quando começa a perseguição aos judeus – que não foi o holocausto direto, a perseguição começa de maneira discreta em 1933 –, já tinha havido um holocausto na União Soviética, um holocausto no México e um holocausto na França. Tudo isso voltado contra cristãos. Ou seja, a comunidade mais perseguida e mais sujeita ao genocídio no mundo foi a cristã. Isto é uma questão de somar e ver que os judeus nesse aspecto perdem longe. É verdade que existem muito menos judeus que cristãos, parece existem dezoito milhões de judeus. É claro que se alguém mata um terço deles, isso chama muito mais atenção do que matar duzentos milhões de cristãos. Se existem dois bilhões de cristãos e alguém mata duzentos milhões, repercutem menos no restante da comunidade do que matar um terço dela. Porém, o barulho enorme em torno do holocausto que os judeus criaram inicialmente para se defender contra a possibilidade de uma repetição do fenômeno acabou sendo extrapolado para domínios que iam muito além do destino dos judeus. E o holocausto começa a ser usado como modelo explicativo de toda a civilização ocidental, ajudado sobretudo pela Escola de Frankfurt com o livro *A personalidade autoritária*, que “demonstra” que a sociedade americana, para a qual os membros da Escola de Frankfurt haviam fugido, era igualzinha a sociedade alemã, da qual eles haviam fugido. Portanto, o holocausto não é um problema alemão, não foram os alemães que inventaram isso.

O holocausto é a expressão de toda a vontade de domínio e discriminação que existe em toda a civilização do Ocidente. O holocausto é uma espécie de resumo da civilização do Ocidente. Tem gente que fala da indústria do holocausto, Wittgestein fala disto, de judeus milionários que ganham dinheiro em cima da autovitimização. Tudo isso é muito bonito. Mas acontece que a noção do holocausto como eixo da civilização do Ocidente acaba sendo usado contra os judeus, porque agora são eles os perseguidores islamóforos, e isto da parte inclusive de historiadores israelenses. A maioria dos historiadores israelenses opõe-se à mera existência do Estado de Israel, acusando-o de ser a ponta de lança do imperialismo ocidental e de aplicar contra os pobres palestinos o mesmo critério discriminatório e genocida que Hitler aplicou contra eles. Quer dizer, o tiro saiu pela culatra: eles inventaram esta retórica do holocausto, e ela acaba sendo usada contra eles. É claro que todas essas operações são muito fáceis no mundo do movimento diversitário, porque não têm satisfação nenhuma a prestar à realidade, tudo o que existe são relações de dominação.

Quando Michel Foucault escreve *História da sexualidade, Vigiar e punir*, etc. e etc., ele está mostrando que todas as relações humanas em última análise derivam de uma relação de dominação. De fato, o elemento de dominação está presente em tudo, está presente na relação entre adultos e crianças (por exemplo, quando um pai olha feio para o filho que está aprontando alguma, é uma relação de dominação), entre homem e mulher (quando o marido manda a mulher lavar as meias dele, é uma relação de dominação), entre maioria e minoria e assim por diante. A relação de dominação está presente em tudo, assim como está presente a gravitação, as ondas eletromagnéticas e demais fatores. Porém, Michel Foucault nunca se lembra de dizer que elementos de amor e de auto-sacrifício também estão presentes igualmente em todas as relações. Então há a dominação e há outra coisa também. Portanto, a teoria da dominação só valeria algo se fosse confrontada com a hipótese contrária. Mas para que confrontar, se você pode, pelo mero acúmulo de exemplos, dar a impressão de que a sua tese é convincente?

Enquanto tudo isso estava se desenrolando no mundo das idéias, havia entre grupos bilionários, desde o começo do século, um plano de governo mundial. Isso começa com o tal Cecil Rhodes, o homem que criou a Rodésia, pagando bolsa de estudos para jovens dotados no mundo inteiro; depois vêm as bolsas de Rockefeller e assim por diante. E uma elite bilionária começa a considerar seriamente a necessidade, para eles, de um Estado mundial. Essa idéia

aparece também em muitos escritores e filósofos. Ernst Jünger escreveu o livro *O Estado universal*, Éric Weil, um judeu que fugiu para França e passou a escrever em francês, também é um defensor do Estado universal.

Acontece que, dentro do movimento comunista, a decepção com o proletariado sugere a troca de sujeito revolucionário. Não se podendo contar com o proletariado, vai-se contar com quem? Com as minorias discriminadas, excetuando a principal minoria discriminada que são os cristãos – essa não vale. Inclua negros, índios, imigrantes, os coitadinhos dos islâmicos, e todos eles serão usado para botar lenha na fogueira da auto-imagem ocidental. Por incrível que pareça, o próprio fenômeno da escravidão é eminentemente uma criação islâmica. Os islâmicos não somente inauguraram a escravidão em uma época em que ela já não existia na civilização cristã e a implantaram de novo, como escravizaram muito mais gente do que qualquer país do Ocidente jamais escravizou. E mais ainda: os países ocidentais jamais escravizaram ninguém, eles simplesmente compravam escravos dos mulçumanos; e não só mulçumanos, havia impérios africanos enormes, como o Império de Oyo-Ile, que escravizavam os outros, e alguns desses impérios usavam os escravos para os seus próprios fins e outros vendiam para o português ou o inglês ou para que chegasse lá. Leia o livro *Le Génocide Voilé* (O Genocídio Velado) de Tidiane N'Diaye, isso está lá. Curiosamente, os islâmicos fazem parte do Terceiro Mundo e, portanto, das comunidades discriminadas que podem então acusar o Ocidente de ser o príncipe do escravagismo. Há aí duas mentiras básicas: o Cristianismo fica colocado como o grande elemento discriminador, quando ele foi o maior fornecedor de vítimas para genocídios da história humana, e o Islã colocado como vítima terceiro-mundista do escravismo ocidental, que foi o próprio Islã que inventou.

As teorias racistas são de origem islâmica. No século XI já havia claramente a idéia da inferioridade racial do negro exposta por filósofos islâmicos, quando, no Ocidente, só se veio a pensar nisso depois do século XVIII. Se você lê a *História da Idéia de Raça* de Eric Voegelin, ele mostra que o racismo ocidental é um filho da ciência moderna. Enquanto não há uma idéia de raça biologicamente estabelecida, não é possível aparecer um racismo nos termos ocidentais. De fato, o racismo é posterior ao século XVII, mas, no Islã, pelo menos desde o século XI. Idéias racistas, escravidão etc., tudo isso é criação islâmica que hoje é jogada na conta do Ocidente, que foi, por maior paradoxo ainda, a única civilização na qual houve movimentos antiescravagistas. Nenhuma civilização anterior ou simultânea jamais teve esta idéia. No entanto, o problema aqui não é discutir a veracidade ou falsidade da ideologia diversitária, mas apenas mostrar a sua formação histórica e os elementos heterogêneos que a compõem e que lhe dão o alcance universal que ela tem hoje, muito além do que qualquer movimento político que você possa conceber.

Ora, na medida em que você desiste do proletariado como agente revolucionário e vai pegar outras comunidades menores que não têm uma função econômica específica dentro da sociedade, o que acontece? Você se priva do principal instrumento de ação proletária, porque o proletário, já dizia Karl Marx, é quem tem o domínio direito dos meios de produção. A burguesia tem o domínio jurídico, mas os proletários é que estão mexendo nas máquinas. Então eles já têm efetivamente o controle material dos meios de produção, e, se eles pararem a produção, a sociedade desaba. Essas comunidades discriminadas não têm nada disso, a maioria delas é constituída de pessoas que não têm emprego, que vivem de ajuda do governo e são uns coitadinhos. Isto quer dizer que a revolução diversitária se priva inicialmente do seu meio material de ataque à sociedade, e esta é a ambigüidade que há dentro dela. Assim como há uma ambigüidade no marxismo, a qual determinou o curso da sua realização histórica, aqui também há uma ambigüidade que está determinando nesse momento o curso da revolução diversitária no mundo. Se você se priva dos meios de ataque material à sociedade, então a

pergunta é: você quer a sociedade diversitária, igualitária, mas quem pode realizá-la? Não há mais um proletariado para paralisar a produção e derrubar a burguesia, há somente a própria burguesia.

Burguesia que, enquanto se está discutindo discriminação, racismo, desconstrução, etc. e etc., está elaborando planos para o Estado mundial e discutindo isso com uma paixão intensa durante quase um século. Essa burguesia, a mais alta burguesia que alguém possa conceber, os megabilionários, livres do assalto do proletário aos meios de produção, têm agora diante de si um novo movimento revolucionário que se volta contra os valores civilizacionais, morais e religiosos, e não o contrário. Ora, desses valores civilizacionais, os que mais se opõem ao governo mundial são as identidades nacionais e, portanto, as tradições nacionais. Isso significa que toda a revolução diversitária estava trabalhando exatamente no mesmo sentido que a elite megabilionária queria. Então aí se explica porque essa elite, representada por George Soros, Rockefeller, Fundação Ford e etc., financia todos os movimentos de esquerda do mundo.

Quando estudamos a história das classes dominantes ao longo dos tempos, constatamos que idéia marxista da luta de classes é uma bobagem pura e simples. Nenhuma classe dominante jamais cai e sobe outra; não: a classe dominante se recicla com alguns elementos novos incorporados, jogando fora alguns elementos e adaptando-se a alguns modos de ação que não tinha antes. O exemplo mais característico é a transição do Império Romano para o Feudalismo, em que o Império cai, se desmantela, e a classe dominante que sobra é a mesma, são os mesmos proprietários rurais do tempo de Roma. É claro que eles perdem alguns, incorporam alguns novos que vêm com os invasores bárbaros, alguns deles viram senhores feudais, mas a classe é essencialmente a mesma nobreza romana de antigamente. E isto aparece de novo em inúmeras revoluções. Se você perguntar se a revolução de 1889, na França, acabou com a nobreza, a resposta é não, a nobreza virou capitalista e está lá até hoje. Quando você vai ver, a classe dominante no mundo ainda é substancialmente a mesma do tempo do Império Romano, e as derrubadas de classe foram todas ficção. Nenhuma classe dominante jamais foi derrubada, ela simplesmente recicla-se, transforma-se, adapta-se e continua dominando. Se é assim, o processo que estamos observando é de novo exatamente o mesmo.

Se você derruba todos os valores civilizacionais, você está ignorando um fato: nenhuma classe dominante jamais caiu. O máximo que se pode fazer contra ela é limitar os seus meios de ação através de valores morais, civilizacionais, culturais e religiosos que limitam essa esfera de ação, como aconteceu, por exemplo, durante toda a Idade Média. Havia coisas que um nobre ou um rei não podia fazer, porque ele estava imbuído de moral cristã e não queria transgredir além de certo ponto. Ao ler os discursos, por exemplo, de Bossuet, o grande pregador, passando um sabão no rei na frente de todo mundo, você verá que de fato os valores morais tinham ali um poder de travamento, um poder de freio incrível. Isto é o máximo que se pode fazer. Mas se você derruba todos os valores civilizacionais, não existe nenhum freio para a classe dominante daí em diante, ela pode fazer o que quiser, mesmo porque ela está escorada na mesma autonomia do agir que foi incorporada pela revolução diversitária. O poder econômico, nessas condições, se apresenta de maneira nua e crua, sem nenhum atenuante, sem nenhum travamento, sem nenhum limite.

Ao mesmo tempo, os meios tecnológicos à disposição dos megabilionários são cada vez mais fantásticos. Está anunciado para os próximos anos o chip que será implantado em todo mundo. Claro que inicialmente, nas próximas décadas, não veremos o chip implantado, mas em cinquenta ou sessenta anos todo mundo terá seu chip porque a sociedade se habituará a isso. É a velha lei do Durkheim: existe um coeficiente de anormalidade que a sociedade pode

suportar, se passar disso, ela passa a considerar que tudo é normal. Então será normal todo mundo usar um chip daqui a cinquenta ou sessenta anos. Também será normal que todos os automóveis, sendo dirigidos por computadores, estejam vinculados a um computador central, de modo que esse computador central, pertença ele ao governo ou pertença a algum megabilionário, saberá para onde todo mundo está indo. Hoje você já vê, por exemplo, no *Google*, no *YouTube* e no *Facebook* meios de controle total da difusão de notícias e de opiniões que estão na mão dos donos dessas empresas, os megabilionários, não estão nem na do Estado. Ontem o Paul Watson anunciou que sairá do *YouTube* porque estão censurando todos os seus vídeos, então ele não tem mais nada o que fazer lá.

Não apenas não há mais fatores culturais travando a ação dos megabilionários, mas todo movimento revolucionário está na mão deles. Sem o dinheiro deles, o movimento não sobrevive de maneira alguma. Se você tirar o dinheiro de George Soros, acaba o *Ocuppy Wall Street*, o *Black Lives Matter*, a esquerda brasileira, o PSDB, acaba tudo. Isso significa que a única força agente que existe no mundo capaz de coordenar a revolução diversitária são os megabilionários, e eles estão coordenando. E os travamentos civilizacionais, culturais, morais e etc. à sua ação estão sendo removidos pela ação da própria revolução diversitária. Quando não sobrar mais nenhuma hierarquia de valores, sobrar uma hierarquia material que ninguém poderá destruir porque todo mundo precisa comer, e não se pode destruir a economia. Se destroem a economia, acabam junto as universidades, o *beautiful people*, os estudantes. Ninguém fará isso. A própria subsistência da revolução diversitária depende dos megabilionários, e eles não dependem de *absolutamente nada*. Todo o movimento diversitário do mundo está confluindo na direção da apoteose do capitalismo. Capitalismo nu e cru que, baseado na tecnologia, pode fazer o que quiser sem ter de enfrentar nenhuma resistência moral, religiosa, jurídica, *nada*. Isto quer dizer que todos os revolucionários do mundo estão trabalhando para a glória da alta burguesia. Isso é o que está acontecendo.

Reconstruir isso é muito difícil e, sobretudo, é difícil falar deste assunto para conservadores e liberais que têm a ilusão de que esse movimento diversitário é a esquerda. Ele não é a esquerda, é a esquerda mais muita coisa. Ele é praticamente o conjunto das forças ativas da sociedade contemporânea, na qual absolutamente tudo pode ser jogado não contra a estrutura de poder, mas contra os valores civilizacionais que a limitam. Você não vê em parte alguma o movimento diversitário se voltar contra George Soros, ou Rockefeller, ou Zuckerberg, nenhum desses. Eles estão livres para fazerem o que quiserem. E a comunidade dos megabilionários, do quais o Clube Bilderberg é apenas uma parte, é um exemplo: eles já têm traçado há mais de cinquenta anos o plano de uma civilização integral, onde a sociedade será integralmente administrada e onde não haverá a menor base moral, religiosa ou cultural para se opor a esse poder. As pessoas não conseguirão sequer *pensar* contra isso.

Se você interpreta as minhas lições no sentido de um anti-socialismo ou de um conservadorismo, você é um idiota. Não estou falando contra o socialismo, estou falando contra o capitalismo. Só que não o capitalismo tal como ainda existe, mas como ele está se preparando e como resultará inevitavelmente na revolução diversitária. Se falar em capitalismo selvagem, eu digo que capitalismo selvagem é brincadeira perto disso que estão aprontando. Hoje em dia já não há mais limites à atuação dessa gente, eles fazem o que quiserem. E todos os obstáculos de ordem cultural estão sendo removidos um a um por essa molecada que sai gritando na rua contra a discriminação, etc. e etc. Há hordas e hordas de verdadeiros imbecis trabalhando pela sua própria escravização sem ter a menor idéia disto, assim como os proletários do mundo inteiro trabalharam pela glória da *intelligentsia* do partido que os escravizaram. Estamos vendo a mesma tragédia acontecer de novo em escala imensamente maior do que Marx jamais pôde conceber.

E, pior, se você olha no quadro do mundo, há duas alternativas: o Islã e o esquema russo-chinês. O esquema russo-chinês é ainda o comunismo de velho estilo, a mesma KGB, etc. e etc., que no Brasil é representado pelo Ciro Gomes. Se você comparar o discurso do Ciro Gomes com o do João Dória, verá o velho pseudonacionalismo esquerdista que é puramente antiamericano, trabalhando pelo BRICS, que é o esquema russo-chinês. Do outro lado, você vê Dória com o discurso da não-discriminação, da democracia ampliada, etc. e etc., que é o mesmo do Bilderberg. Farei uma brincadeira com vocês: a política brasileira só tem três influências atuantes, a do George Soros, a do Putin e a minha, isso é tudo o que existe, não há mais nada. Se você perguntar qual é o poder do George Soros sobre o nosso Parlamento, a resposta é total, exceto naquela pequena parte que ainda está vinculada ao movimento comunista tradicional, que ainda faz homenagens ao Marighella, etc. e etc. — um pessoal que hoje está derrotado, que está minoritário. Então sobrou tudo na mão de George Soros e similares. Não é a pessoa de George Soros, mas um grupo.

Se você perguntar aqui nos EUA, que parece ser um país muito mais desenvolvido intelectualmente do que o Brasil, quantas pessoas entendem isso, eu lhes digo que três ou quatro. A maioria ainda está no combate liberal-conservador contra a esquerda. Mas a esquerda já foi absorvida em um outro negócio muito maior. Ideologicamente, a revolução diversitária se compõe de uma gama de influências que vai desde Leon Trotski e Lenin até René Guénon. Que unidade ideológica existe por trás disso? Não tem nenhuma. Mas não precisa ter porque o que vale é a ação destrutiva.

E de todos esses elementos, esqueci um: os continuadores do Georg Lukács na Escola de Frankfurt. Partindo da dialética de Hegel, eles fazem a ele uma crítica similar a que Heidegger fez a toda ontologia. Hegel acredita que os valores positivos se realizam através da sua negação, e depois da negação da negação restabelece a positividade. E o pessoal da Escola de Frankfurt diz que só existe a negatividade porque o processo não tem um fim, não há estabilização de um positivo, a negação continua. Isso quer dizer que toda a nossa atividade, enquanto filósofos, é tão-somente criticar, negar, dismantelar, destruir. Ou seja, em um estado positivo você não precisa defendê-lo, é só continuar esculhambando e negando – que é exatamente o que o pessoal da revolução diversitária faz. Se você pergunta para eles como eles vão harmonizar, por exemplo, o feminismo com o islamismo nessa sociedade magnífica que pretendem construir, eles não têm de responder isto porque não estão afirmando um estado positivo ao qual desejam chegar, estão apostando tudo na negatividade, na destruição. Então eles não podem ser detidos por um valor civilizacional, que é a razão, que eles mesmos estão empenhados em destruir.

Infelizmente esta é a situação. Quem pode deter isso? Ninguém pode. Pode, sim, um milagre, uma intervenção divina, uma guerra mundial, alguma coisa desse tipo. Kim Jong talvez possa parar isso. Não sei, mas não estou contando com ele. As pessoas pensantes de modo geral, nós, não temos a capacidade de mudar o curso da história do mundo, mas podemos ao menos preservar a nossa consciência para que ela não afunde junto com a nossa liberdade.

Transcrição e Revisão: Jussara Reis de Abreu e Mariana Belmonte